

DA APREENSÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO
(Uma aproximação ao neo-behaviorismo)

Armando Corrêa da Silva *

O conhecimento, enquanto resultado da análise da relação sujeito-objeto, é diferente da apreensão desse conhecimento. Por isso, a Teoria do Conhecimento não é o mesmo que a Gnoseologia. Trata-se, aqui, de tentar expor a estrutura e o funcionamento da cognição, como um sistema dedutivo. Qual sua aplicação à Geografia?

O raciocínio - como conexão de abstrações - tem, como referência a consciência - como modo de ser da razão - e esta, a intuição - como o momento de apreensão inicial do real, que remete à sensibilidade, como origem do processo ontológico-genético que leva ao raciocínio. Assim é, dedutivamente, embora indutivamente ocorra o contrário. Por isso, a imaginação é o modo fenomenológico de expressão da cognição. Isso, por que sem criatividade não há presença da natureza humanizada. Então, há consciência, como razão, mas não se põe o raciocínio, como organização do real racional. Porque este só se põe como comunicação.

A relação raciocínio-consciência se dá como compreensão. Compreender é ser capaz de estabelecer uma relacionalidade entre a abstração e a razão. Significa que se é, então, apto a dar unidade ao conceito-ideia. O que é o conceito-ideia? Nada mais do que o modo complexo-simples de ser da compreensão. É um seu primeiro momento ontológico-genético. O segundo momento, que com ele interage é a categoria. O que é a categoria? Apenas uma maior concreção abstrata-concreta da compreensão. Mas, tanto o conceito-ideia, como a categoria, não são possíveis sem a intervenção da memória cultural. O que é a memória cultural? É o "computador" eletrônico do ser humano. Melhor dizendo (sem a analogia), é o conjunto das informações que o cérebro humano é capaz de armazenar e classificar na complexidade do seu ser bio-químico-físico-cultural. A memória cultural está em permanente interação com categorias e conceitos-ideias, todo tempo que se raciocina. Então, raciocinar é diferente de apenas ter consciência. O que ocorre?

A relação consciência-intuição se dá fenomenologicamente como impressão-expressão, ou seja, como a emoção que indica o movimento entre a produção da imagem e seu resultado. Significa que se é capaz de por-se a pre-ideação. O que é a pre-ideação? Nada mais do que a relacionalidade entre razão e apreensão inicial do real, mas já como fenômeno, externo e interno à cognição. A pre-ideação é o projeto, mas em uma fase intermediária entre a sensibilidade e o raciocínio. Por isso, ela é o elo de ligação entre a memória cultural e a memória genética. Então, a sensibilidade contém a intuição, esta a consciência e esta o raciocínio; e vice-versa. Mas, a intuição tem um pre-requisito, a sensibilidade. Por isso, o ser genético.

A relação intuição-sensibilidade se dá empiricamente como sensação: o ver, o sentir, o ouvir, o gustar, a olfação. Mas, a sensação como primeira natureza encontra-se também nos animais. Qual a diferença? Põe-se o trabalho humano como ponto de partida e com ele, os objetos da cultura, que possuem um valor natural, como substrato físico, e um valor econômico - base última dos valores morais, estéticos etc. Mas, o que é a sensação? Ela é o resultado da existência do sistema nervoso. Então, é o modo externo-interno de por-se a memória genética. O que é a memória genética? É o conjunto de estímulos que o cérebro humano é capaz de armazenar e classificar, na complexidade de seu ser bio-físico-químico-cultural. Contudo, é ainda mais do que isso, no modo de ser humano: é o impulso-resposta energético da interação com o sistema nervoso.

* Professor Adjunto do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Como interagem a memória cultural e a memória genética?

Fenomenologicamente, quando se raciocina. Então, ontológica e geneticamente, quando se põem a consciência, a intuição e a sensibilidade. O raciocínio é, assim, o resultado último de um processo em que a memória unifica a cultura e a gênese. Por isso, a cognição só é possível porque a memória é uma só, embora só no ato do trabalho. No caso do trabalho intelectual, como reprodução e montagem de uma organização difícil dos momentos de expressão-impressão (de pre-ideação, portanto) do conceito-ideia, do projeto e dos circuitos bio-físicos-químicos-culturais. O sistema nervoso, cultural e geneticamente, plasma-se como registro celular que põe em movimento a memória genética. Assim se dá o ponto de partida da existência da memória cultural. Mas, a memória cultural retroage em direção à memória genética. Então, no processo de humanização da natureza e da sociedade, a memória se põe como sobredeterminação. A sobredeterminação é o modo como interagem a cultura e a gênese, pondo a memória como ser ontológico-genético do raciocínio. Então, é o momento em que o raciocínio existe. Ora, existir o raciocínio é comunicar-se a estrutura e funcionamento da cognição, como um sistema dedutivo.

Tem significado útil tudo isto para a Geografia?
O que é a cognição geográfica?

A cognição geográfica é a apreensão do conhecimento geográfico, isto é: é o modo como o espaço e a população se tornam conceitos-ideias e categorias. O ponto de partida, portanto, contém o natural e o social na totalidade, no método, na carta geográfica. Mas, a "leitura do mapa" é diferente como intuição e razão. Como intuição, remete à sensibilidade; como raciocínio, remete à razão.

Põe-se, então, o projeto, como mediação necessária, mas não suficiente.

mmmm

Bibliografia de referência

Claval, Paul (1974) "La révolution post-behavioriste" in Éléments de Géographie Humaine, Éditions M.-TH. Génin, Librairies Techniques, Paris, pg. 60.